

**MODO DE PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO: QUESTÕES DO MODO DE VIDA: UMA
CONTRIBUIÇÃO DE LEON TROTSKY¹**

**MODE OF PRODUCTION AND EDUCATION: QUESTIONS ON THE MODE OF LIFE: A
CONTRIBUTION OF LEON TROTSKY**

**MODO DE PRODUCCIÓN E EDUCACIÓN: CUESTIONES DEL MODO DE VIDA: UNA
CONTRIBUCIÓN DE LEON TROTSKY**

Celi Zulke Taffarel²; Cláudio de Lira Santos Júnior³.

Resumo: O texto trata da importância da consideração da contribuição de Leon Trotsky - ao se debruçar sobre a questão do modo de vida decorrente do modo geral de produção da existência - para pensar uma proposta educacional articulada claramente à construção do projeto histórico socialista. A necessidade premente de se pensar a formação humana tendo como referência a questão do militância cultural, base da luta por uma política cultural de formação.

Palavras-chave: Modo de vida; Educação; Política cultural de formação.

Abstract: The text addresses the importance of consideration of the contribution of Leon Trotsky - when you look at the issue of mode of life resulting from the general production of existence - to think clearly articulate an educational proposal for the construction of socialist history project. The need to think the human based on the question of cultural activists, on the fight for a policy of cultural formation.

Key-words: Mode of life; Education; Policy of cultural formation.

Resumen: El texto trata de la importancia de considerarse la contribución de Leon Trotsky - al reflexionarnos acerca de la cuestión del modo de vida resultante del modo general de producción de la existencia humana - para pensar una propuesta educacional claramente articulada a la construcción del proyecto socialista de la historia. La necesidad de pensarse el ser humano llevándose en cuenta la cuestión del activismo cultural, basis de la lucha por una política de formación cultural.

Palabras-clave: Modo de vida; Educación; Política de formación cultural.

Introdução

A tarefa principal da educação e da auto-educação no domínio da economia é a de despertar, desenvolver e reforçar esta atenção perante as exigências particulares, e insignificantes e cotidianas da economia; nada se deve negligenciar, tudo se deve anotar, agir em tempo oportuno e exigir o mesmo dos outros. Esta tarefa impo-se -nos em todos os domínios da vida política e da construção económica (TROTSKY, [19--], p. 31).

Para contribuir com a reflexão promovida no debate sobre *Modo de produção e educação* vamos nos reportar a um clássico da literatura marxista *Questões do modo de vida*⁴, escrito em 1923 por Leon Trotsky⁵, então Comissário do Povo para o Exército e a Marinha da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Trotsky participou ativamente das revoluções de 1905 e 1917 no Leste Europeu e preocupou-se com os acontecimentos de seu tempo. Após a Revolução de Outubro de 1917, frente as enormes dificuldades enfrentadas na economia e a necessidade de adotar o NEP - Nova Política Econômica - implantada em 1923 e que perdurou até 1928, oferecia um modelo de vida onde o enriquecimento pessoal e o gosto pelo lucro eram motivados. Isto significou um recuo dos revolucionários porque os serviços gratuitos foram extintos e novamente a população voltou a pagar taxas pelo abastecimento de luz e água, resgatando temporariamente algumas das características de um modelo econômico capitalista. A intenção ao propor tais medidas, era possibilitar a retomada do crescimento da economia russa e estabilizar o país que vinha de uma guerra mundial avassaladora que impôs o comunismo de guerra, para, em seguida, consolidar o sistema socialista. Nesse contexto, ficou célebre a frase de Lênin⁶ (2007) que sintetizou os objetivos da NEP: "É preciso voltar um passo atrás para depois avançar dois à frente". Com a criação da NEP além dos serviços públicos deixarem de ser gratuitos, ocorre uma intensificação da utilização das técnicas estrangeiras, principalmente Alemãs e Americanas. Foram criadas as cooperativas agrícolas (Kolkozes) e as fazendas estatais (Soukoz) como modelo, desnacionalizaram-se as empresas com menos de vinte trabalhadores priorizando-se os investimentos estrangeiros e à formação de sociedades mistas. Enfim, esta situação econômica significou anos muito difíceis.

Esta é uma das grandes preocupações de Trotsky – como as mudanças econômicas afetam a consciência das massas? Outra preocupação de Trotsky foi com a agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional, organização proletária fundada por ele em 1938 em Paris na França.

Trotsky reconheceu a defasagem entre o que a história permitiu politicamente - a tomada do poder político pelo proletariado, condição preliminar e primeira etapa da transformação revolucionária da sociedade capitalista e instalação do primeiro estado operário do planeta e o atraso cultural e das tradições conservadoras nas relações sociais das massas. Decidiu incidir sobre esta situação investigando cientificamente o modo de vida e defendendo o que passou a se chamar “militantismo cultural”. Escreveu uma brochura intitulada *Questões do Modo de Vida* que, apesar de já terem-se passados 85 anos, seu conteúdo é dramaticamente atual. Para Trotsky a revolução é um marco histórico da humanidade e não significa um salto do proletariado, mas, sim, a transformação do país sob sua direção. A tomada do poder político pelo proletariado à escala mundial é a condição preliminar e primeira etapa da transformação revolucionária da sociedade capitalista, significa, em primeiro lugar, a destruição total do Estado Capitalista.

Para conhecer o modo de vida contraditório das massas em pleno período de transformações sociais, Trotsky vai diretamente a fonte, ou seja, aos operários e os entrevista⁷. A partir deste material colhido em discussões e entrevistas com grupos de agitadores e propagandistas de Moscou que responderam a uma série de perguntas sobre o modo de vida das massas pós-revolucionárias escreveu a brochura *Questões do Modo de Vida* que contém textos sobre o trabalho, a política, o jornal, a bebida alcoólica, a igreja, o cinema, a família, os ritos, a linguagem, os hábitos de vida, os costumes.

Ao coletar e analisar material em discussões e entrevistas com agitadores e propagandistas de Moscou, Trotsky concluiu que o trabalho para o fortalecimento das bases econômicas planejadas do

Estado, para benefício de toda a população, exigia também um trabalho simultâneo e complementar, numa relação dialética, para mudar a forma de pensar e agir da classe trabalhadora, sem precisar opor uma tarefa contra a outra, como se fossem excludentes. Sustentava que era necessário conhecer o modo de vida das massas para poder contribuir na transformação, por meio do militantismo cultural, dedicado a formação política a partir de pequenas coisas, como a elaboração de manuais técnicos, as noções de higiene, a alfabetização, a aproximação com as artes e a cultura em geral produzida pela humanidade. Defendia, por exemplo, que para escrever um manual de trabalho técnico é preciso reunir um grupo de três pessoas, formado por um escritor especialista, por um operário altamente especializado, tecnicamente informado, que conheça o assunto, ou seja, capaz de conhecer o estado do ramo correspondente da produção, um operário de espírito inventivo, criativo e por um escritor marxista, com formação política e com conhecimentos da técnica e da produção. Tratava-se de por em marcha uma biblioteca exemplar de obras técnicas destinadas às oficinas, convenientemente encadernadas, de formato prático e pouco dispendioso. O papel destas bibliotecas era duplo: por um lado favorecia a elevação da qualificação do trabalho e o êxito da construção socialista e por outro ajudava a reunir um grupo de operários produtores extremamente válidos para a economia soviética no conjunto. Opunha-se a posição estalinista de criação, em laboratório, de uma cultura proletária. Defendia a necessidade de desenvolver uma cultura do trabalho, a qualificação dos trabalhadores para uma economia planificada, a cultura da vida, a cultura do modo de vida.

Trotsky ao denunciar que a revolução estava sendo traída e ao levantar questões sobre o modo de vida dos operários em Moscou chamava a atenção sobre o que significa negligenciar os detalhes práticos de um problema porque se ignora que projetos grandiosos exigem atenção aos pequenos detalhes. Chama a atenção que um pequeno arranhão pode levar a gangrena e que o abandono do marxismo, por exemplo, pode nos levar a incompreensões e a proceder mal porque não dispomos de instrumentos teóricos que sustentam a prática que se quer revolucionária. À medida que se altera a organização do trabalho é preciso avançar na consciência política da classe, o que não se dá fora da organização revolucionária.

É necessário conhecer e combater o modo do capital organizar a produção e a reprodução dos meios de vida. É preciso conhecer o modo de vida para poder transformá-lo por meio do militantismo cultural dedicado à educação política, a partir de pequenas coisas e, é preciso combater a influência da burguesia, das igrejas reacionárias e anticomunistas, que agem sobre as famílias, as crianças e a juventude, combater as drogas, a prostituição, a pornografia, a submissão da mulher como simples acessório masculino, a personalidade egoísta, mesquinha, individualista, enfim tudo que embota a consciência de classe e assegura o caráter pequeno burguês e que fazem a classe trabalhadora assumir valores que não são os seus, mas, sim, da classe dominante que assegura a produção e reprodução da vida na base do modelo do capital, com sua ditadura e absolutismo. Trotsky propunha o militantismo cultural dentro de um estado revolucionário onde a classe operaria imprimia a direção ao Estado socialista.

Para Trotsky o atributo básico da juventude socialista, a juventude genuína e não os velhos de 20 anos, reside na disposição de entregar-se total e completamente à causa socialista. Defendia também

que sem sacrifícios heróicos, sem valores, sem decisão e convicção política, a história em geral não se move para frente. Porém, somente o sacrifício não é o suficiente ressaltava Trotsky. É necessário ter uma clara compreensão do curso dos acontecimentos e dos métodos apropriados para a ação. Isso somente pode ser obtido por meio da teoria e da experiência vivida. O mais contagiante entusiasmo rapidamente esfria-se ou evapora se não encontra uma clara compreensão das leis do desenvolvimento histórico. Frequentemente observamos como os jovens entusiastas, ao dar uma “cabeçada na parede” convertem-se em sábios oportunistas; como ultra-esquerdistas desenganados passam em curto tempo a ser burocratas conservadores, assim como pessoas fora da lei se corrigem e se convertem em excelentes policiais. Adquirir conhecimento e experiência e ao mesmo tempo não dissipar o espírito lutador, o auto-sacrifício revolucionário e a disposição de ir até o final, esta é a tarefa da educação e da auto-educação da juventude revolucionária.

O militantismo cultural de Trotsky está ainda colocado como uma experiência científica relevante e por inteiro, porque a revolução mundial exige uma direção para a educação e a auto-educação, quando a meta é a união dos trabalhadores da cidade e do campo, a união internacional dos trabalhadores. Tal como antes, somos, e continuaremos sendo, militantes da causa da classe trabalhadora, sujeitos históricos revolucionários e não “protagonistas de organizações não governamentais (ONGs)” que servem aos interesses do capital. A nossa época não é, ainda, a da nova cultura socialista, porque ainda não conseguimos construí-la mundialmente, apesar das inegáveis lutas dos povos, por exemplo, no leste europeu – a extinta União das repúblicas Socialistas Soviéticas - e na América Central com Cuba. Continuamos vivendo sob a influência, hegemônica, da cultura burguesa, do Estado burguês, da família burguesa, enfim da sociedade capitalista. Engels (1987) já nos demonstrou isto ao descrever a origem do Estado, da propriedade privada e da família. Mas, a nossa época, como bem definiu Trotsky, em 09 de setembro de 1923, é a antecâmara para uma nova cultura. O velho não responde mais e o novo tem dificuldade de nascer e nós precisamos compreender o porquê e incidir no modo de vida, assim como Trotsky em seu militantismo cultural.

Discussão

Os fatos e os estudos demonstram que o trabalho pedagógico é limitadíssimo quando desprovido da referência de um projeto histórico (FREITAS, 1987) explícito, superador do modo do capital organizar a produção – uso e troca de mercadorias. É limitadíssimo e altamente alienante, principalmente quando desprovido de uma teoria Pedagógica e da Teoria do Conhecimento que permite avançar na construção da atitude científica, na consolidação da base teórica para agir no modo de produção da vida, na elevação da consciência de classe, na formação política e na construção da organização revolucionária. Os fatos demonstram a necessidade histórica das práticas pedagógicas e da produção do conhecimento estarem sintonizadas com processos revolucionários no campo da economia política onde pode ser identificada a possibilidade concreta de construção de uma outra cultura, construção esta que depende sobretudo das alterações na base econômica, ou seja, no modo de produzir

a vida, nas formas de produção e troca. Necessidade de uma teoria do conhecimento e teoria pedagógica correspondente a necessidade da revolução, bases de ações vitais, elementos de coordenação e de ordem intelectual e moral para construção do projeto histórico socialista.

Agimos no dia-a-dia de forma alienada, não porque nascemos assim, mas porque isto é uma construção social nas relações de produção da vida (VIGOTSKY, 1987). Quebrar com estas construções exige, sim, o desenvolvimento, intencional, da mente em outra perspectiva. Trotsky em sua militância recorre a filosofia e a ciência para propor o militantismo cultural.

Esta posição encontra respaldo na compreensão de que a essência construída historicamente se manifesta no fenômeno, e que por isso a existência da “coisa em si” que não se manifesta imediatamente - é considerada pelo homem ao iniciar qualquer investigação. Isto assegura a razão de existir da ciência e da filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis. Para demonstrar essa afirmação, por exemplo, Kosik (1976) destaca que a filosofia é um esforço sistemático e crítico que visa captar a coisa em si, a estrutura oculta da coisa e descobrir o modo de ser do existente. O que acontece no mundo da pseudoconcreticidade é que os fenômenos e as formas fenomênicas das coisas se reproduzem espontaneamente no pensamento comum como realidade, pois é produto natural da *práxis* cotidiana. O pensamento comum é a forma ideológica do agir humano de todos os dias. A representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*. É com esse modo de operar com a realidade que muitas das vezes procedemos no dia-a-dia. Agimos a partir de representações do real.

Vale destacar estes elementos da teoria do conhecimento porque eles nos permitem entender a distinção entre *práxis* utilitária cotidiana e *práxis* revolucionária, considerada o modo pelo qual o pensamento capta a coisa em si, o que somente pode ser feito a partir da dialética – o pensamento crítico que se propõe a compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade; que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade, assim realizando o processo no curso do qual sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real. Para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária. Portanto, a realidade pode ser mudada de modo revolucionário só porque, e só na medida em que, nós mesmos produzimos a realidade, na medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós. O mundo real, oculto pela pseudoconcreticidade, é o mundo da *práxis* humana. É a compreensão da realidade humano-social como unidade de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura que permitirá a *práxis* revolucionária. É um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social. A destruição da pseudoconcreticidade significa, portanto, que a verdade não é nem inatingível, nem alcançável de uma vez para sempre, mas que ela se faz, logo, se desenvolve e se realiza a partir:

- a) da crítica revolucionária da *práxis* da humanidade;
- b) do pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a “coisa em si”;

c) das realizações da verdade e criação da realidade humana em um processo ontogenético, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, a criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico.

A pseudoconcreticidade se apresenta como uma construção histórica do sistema capitalista que investe na constituição do mundo fetichizado e na conseqüente destruição do homem histórico. Faz-se necessário, portanto, a apropriação de uma teoria crítica que nos permita discernir a práxis utilitária cotidiana da práxis revolucionária, trazendo a tona o mundo da verdade.

A degeneração, destruição e decomposição da educação, enquanto prática social de interesse dos trabalhadores na busca da humanização e superação da alienação decorrente do trabalho assalariado, não poderá ser perceptível de imediato. Daí a necessidade imperiosa, segundo Kopnin (1978), da defesa do método de conhecimento. O tempo urge, a barbárie se avizinha e as possibilidades de elevação da consciência de classe – que se expressa na capacidade analítica crítica e na organização revolucionária em dadas condições objetivas - se fazem imprescindível.

Portanto, reconhecemos na atitude científica de Trotsky uma *práxis revolucionária*. A pergunta científica que formulamos constantemente é a seguinte: qual é a realidade, quais as contradições e as possibilidades da educação na perspectiva teleológica de formação para a emancipação, considerando o projeto histórico socialista no contexto altamente destrutivo do capitalismo? Qual a realidade, contradições e possibilidade da educação socialista no marco do imperialismo altamente destrutivo?

Para responder esta pergunta a exigência é a consideração de dados sobre economia política, sem o que não se compreendem as relações estabelecidas no âmbito da cultura e o processo atual de destruição, decomposição e degeneração das forças produtivas (FRIGOTTO, 2000, 1995).

O que sustenta tal hipótese são argumentos e dados históricos, comprováveis pelos fatos. Engels ([199-], p.49) já defendeu a tese de que:

A produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens nem na idéia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca; devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata. Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converteu em insensatez e a bênção em praga, isso não é mais que um indício de que nos métodos de produção e nas formas de distribuição produziram silenciosamente transformações com as quais já não concorda a ordem social, talhada segundo o padrão de condições econômicas anteriores. E assim já está dito que nas novas relações de produção têm forçosamente que conter-se — mais ou menos desenvolvidos — os meios necessários para pôr fim aos males descobertos. E esses meios não devem ser tirados da cabeça de ninguém, mas a cabeça é que tem de descobri-los nos fatos materiais da produção, tal e qual a realidade os oferece.

A educação não é algo mágico que paira sobre nossas cabeças. Algo místico, mítico. É algo concreto, situado, em construção, portanto, historicamente determinada. Os profissionais da educação ao construir este campo de atividade humana não o fazem segundo suas próprias cabeças, mas segundo

condições objetivas, determinadas ao longo da história, das relações de produção possíveis em dados momentos históricos e do grau de desenvolvimento da luta de classes.

O exemplo que aqui trazemos diz respeito a uma ação educativa a partir do militantismo cultural incidindo sobre uma situação concreta colocada no processo revolucionário na União Soviética em 1923 que nos serve de referência no contexto da luta de classes, para a construção do socialismo.

Conclusões

As conclusões políticas que chegamos não podem desvanecer de nossa consciência as lições do passado. Após a experiência histórica nossas tarefas fundamentais continuam sendo a construção econômica e cultural na perspectiva do projeto histórico socialista, sendo isto, agora, mais complexo e com um caráter mais urgente. Isto porque, com a avassaladora força destrutiva do imperialismo, com suas guerras e sua política neoliberal, pouco restou de elemento constitutivo para a construção do socialismo a não ser o papel histórico das amplas massas em continuar reivindicando e exigindo que se alterem a economia, a política e a cultura em geral. Como bem destacaram Marx e Engels (2007) no *Manifesto Comunista* a ordem para que os trabalhadores do mundo se unam, para que se rompa com a subsunção do trabalho ao capital, a abolição da propriedade privada dos meios de produção, que se destrua o Estado burguês e se alterem todas as relações sociais, em todos os âmbitos, principalmente na família, ou seja, em todos os âmbitos de produção e reprodução dos bens materiais e imateriais e de seus meios de reprodução, ou seja no modo de vida. Com esta luta, que configura a luta do proletariado contra a burguesia, avançaremos na consciência sobre as relações nexos e determinações entre a produção da vida no dia-a-dia e os fins da construção da sociedade socialista em seu conjunto.

Pelo exposto é possível reconhecer que se coloca para o operariado e aos setores engajados na luta pela superação do modo do capital organizar a produção, aos setores populares da classe que busca a sobrevivência, a subsistência ou uma opção de vida anti-capitalista, uma tarefa essencial que tem quatro dimensões, concomitantes, simultâneas e interligadas:

- a) desenvolvimento de uma consistente formação nas lutas e consistente base teórica;
- b) a educação ideológica, de classe, das amplas massas que acessa a educação pela via do trabalho alienado, explorado, precarizado, terceirizado, desprovido de direitos e conquistas;
- c) a conscientização política que se dá na ação concreta, na luta, na defesa de reivindicações, como, por exemplo, o direito de todos a educação, aos espaços públicos educativos, aos serviços públicos;
- d) a organização revolucionária, auto-determinada, auto-organizada, auto-gerida, na defesa de conquistas históricas relacionadas a desalienação do trabalho humano e conseqüentemente do usufruto emancipatório dos espaços da vida.

Portanto, as atividades humanas relacionadas ao campo da educação necessitam ser compreendidas neste complexo. E não é qualquer teoria explicativa que permite com radicalidade, de

conjunto e na totalidade a compreensão da educação, suas relações, contradições e possibilidades em um dado modo de produção.

O que deve ser questionado é o projeto histórico, a teoria do conhecimento e a teoria pedagógica que estão subjacentes às práticas e a produção do conhecimento sobre educação. O complexo econômico influencia ou não, determina ou não as teorias que são hegemônicas no campo da educação? Frigotto (2000) demonstra teoricamente no campo da educação que o modo de produção da vida determina sim, mas não diretamente, e sim através de mediações, por exemplo, das próprias teorias que são aplicadas no campo da educação. Enfim, a educação pode ser explicada enquanto fenômeno social fora do complexo das relações trabalho capital e política cultural? A resposta é NÃO. O exemplo que Trotsky nos dá em 1923 deixa evidente os nexos e relações entre a economia e a educação, principalmente quando a pretensão é elevar o padrão cultural dos operários.

Os fatos comprovam a necessidade vital de refletirmos sobre a educação considerando o complexo econômico existente e as possibilidades de um projeto histórico superador. A exigência de clareza quanto ao projeto histórico não é de hoje. Luiz Carlos de Freitas (1987) reclamava da necessidade da explicitação do projeto histórico claro para orientar a ciência pedagógica e nesta a teoria pedagógica.

Ao recuperar a experiência histórica de educar as massas através do militantismo cultural tendo como referencia a superação do projeto histórico hegemônico na União Soviética, Trotsky nos permite reconhecer que projeto histórico enuncia o tipo de sociedade ou organização social na qual se pretende transformar a atual organização social e os meios que devemos colocar em pratica para a sua consecução. Isto implica uma “cosmovisão”, mas é mais que isto, “É concreto, está amarrado às condições existentes e, a partir delas, postula fins e meios. Diferentes análises das condições presentes, diferentes fins e meios geram projetos históricos diversos” (FREITAS, 1987, p.123). Tais projetos fornecem bases para a organização de partidos políticos e demais organizações que chamam para si a responsabilidade de lutar contra a forma capitalista de organizar os meios de produzir e reproduzir a vida na sociedade.

Desta forma, frente ao descrito, coloca-se a necessidade imperiosa da unificação dos produtores livremente associados, auto-determinados, na construção de uma outra base de organização da vida e de princípios da vida. Mészáros (2002, p. 50) reconhece como princípios de funcionamento da alternativa socialista:

1. a regulação, pelos produtores associados, do processo de trabalho orientada para a qualidade em lugar da superposição política ou econômica de meta de produção e consumo predeterminadas e mecanicamente quantificadas;
2. A instituição da contabilidade socialista e do legítimo planejamento de baixo para cima, em vez de pseudoplanos fictícios impostos à sociedade de cima para baixo, condenados a permanecer irrealizáveis por causa do caráter insuperavelmente conflitante deste tipo de sistema;
3. a mediação dos membros da sociedade por meio da troca planejada de atividades, em vez da direção e distribuição política arbitrárias tanto da força de trabalho, como de bens no sistema do capital pós-capitalista do tipo soviético ou da fetichista troca de mercadorias do capitalismo;
4. a motivação de cada produtor por intermédio de um sistema autodeterminado de incentivos morais e materiais, em vez de sua regulação pela cruel imposição de normas e pela tirania do mercado;

5. tornar significativa e realmente possível a responsabilidade voluntariamente assumida pelos membros da sociedade por meio do exercício dos seus poderes de tomada de decisão, em vez da irresponsabilidade institucionalizada que marca e vicia todas as variedades do sistema do capital.

A necessidade da implementação de novas experiências socialistas não resulta de ponderações teóricas abstratas, mas da crise estrutural cada vez mais profunda do sistema do capital mundializado que destrói trabalhador, trabalho e a cultura em geral.

Assim como Trotsky em seu tempo histórico, nas condições objetivas colocadas, incidia na educação das massas, através do militantismo cultural cabe aqui o que bem defendeu Gramsci sobre a construção da cultura em seu tempo histórico:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais” significa, também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. (GRAMSCI, 1978, p. 13)

Por fim, a questão do militante cultural, a nossa compreensão de formação humana não pode prescindir da luta por uma política cultural de formação. Isso no estágio atual das relações sociais capitalistas não acontecerá sem um profundo processo de organização política da classe trabalhadora e de luta pelas reivindicações históricas. Esse processo necessita de militantes, de quadros referenciados nos organismos, nas lutas e nas bandeiras históricas da classe trabalhadora. Diz respeito, portanto, à formação de homens e mulheres para a luta por uma educação emancipatória, que por sua vez não acontecerá sem mudanças significativas no padrão cultural acessado pela classe, na ampliação do padrão cultural dos trabalhadores. Isso será tarefa e obra da classe trabalhadora, única responsável pela sua emancipação. Os militantes culturais deverão, por isso, ser formados com profunda consciência de classe – formação política, em organizações revolucionárias com consistente base teórica e disposição para enfrentar as tarefas da construção do socialismo.

Referências

- ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização, 1987.
- _____. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo, Moraes, [199-].
- FREITAS, L. C. Projeto histórico: ciência pedagógica e "didática". *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 27, p. 122-140, 1987.
- FRIGOTO; G. *A educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Educação e crise do trabalho: perspectiva do final de século*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOPNIN, P. V. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LENIN, V. I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

TROTSKY, L. *Questões do modo de vida*. São Paulo: Datacopy, [19--].

VIGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Notas

- ¹ Texto elaborado para o debate *Modo de produção e Educação* ocorrido na Faculdade de Educação e Educação. A participação da professora Celi se deu na forma de videoconferência transmitida via ooVoo (Disponível em: <http://www.oovoo.com/>).
- ² Professora Doutora Titular. FACE/UFBA. Coordenadora do Grupo LEPEL/FACED/UFBA - Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer. Ex-presidente do CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Ex-Secretaria geral do ANDES-SN. Subvenção: Pesquisadora 1D - Bolsista de Produtividade CNPQ. Email: taffarel@ufba.br
- ³ Professor Doutor Faculdade de Educação. Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física, Coordenador do Curso de especialização em Metodologia do Ensino e da pesquisa em educação Física, esporte e Lazer e Coordenador do Grupo LEPEL/FACED/UFBA - Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer. Email: clirasjr@yahoo.com.br
- ⁴ Destacamos esta obra – *Questões do modo de vida* - do conjunto da produção de Trotsky por localizar nela um conceito com o qual trabalhamos e que buscamos contrapor a outras terminologias presentes no campo de formação de professores. Destacamos também que é muito difícil localizar a obra de Trotsky no Brasil. Álvaro Bianchi do Departamento de Ciência Política, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) realizou um estudo para constituir uma base de dados sobre Trotsky no Brasil e já reuniu 540 referências. Em seus estudos nos relata que “A verdade é que a fortuna editorial de Trotsky não foi das melhores. Da lendária Sochineniia (Obras Completas) de Leon Trotsky editada pela Gosudarstvennoe Izdadel'stvo (Gosizdat – Casa Editora do Estado) apenas doze volumes vieram a luz antes de sua supressão pela ditadura stalinista em 1927, restando apenas alguns exemplares em bibliotecas estadunidenses e européias. Sua pesquisa Trotsky em Português teve como objetivo construir uma base de dados bibliográfica aglutinando todas as obras de e sobre Leon Trotsky e o trotskismo publicadas em Português. Bianchi destaca ainda que com propósitos e, principalmente dimensões muito diferentes, este trabalho foi inspirado na colossal Trotskyana de Wolfgang Lubitz (Lubitz, 1982 e 1999) e no trabalho de Antonella Marazzi (1980), bem como na Bibliografia gramsciana, de Cammet (1991).
- ⁵ Leon Trotsky nasceu em Ianovka, Ucrânia, em 7 de novembro de 1879 e morreu assassinado em Coyoacán, México, em 21 de agosto de 1940. Intelectual marxista e revolucionário bolchevique, fundador do Exército Vermelho. Seu nome em ucraniano é Лев Давидович Троцький, que pode ser transliterado como Lev Davidóvitch Trótskii. Todavia, seu verdadeiro apelido de família era Bronstein (Бронштейн). Na União Soviética desempenhou um importante papel político, primeiro como Comissário do Povo (Ministro) para os Negócios Estrangeiros; posteriormente como criador e comandante do Exército Vermelho, e fundador e membro do Politburo do Partido Comunista da União Soviética. Expulso da União Soviética por Stalin refugiando-se no México, onde veio a ser assassinado por Ramón Mercader, um agente de Stalin em 21 de agosto de 1940. Fundou a IV Internacional em 1938 em Paris/França.
- ⁶ Vladímir Ilich Uliánov nasceu em 10 de abril de 1870, em Simbirsk, atual Ulyanovsk, morreu em 21 de janeiro de 1924, em Gorki próximo de Moscou. Revolucionário russo, responsável pela direção, em grande medida, da Revolução Russa de 1917. Líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Sua teoria configurou a corrente teórica denominada leninismo.
- ⁷ As perguntas formuladas por Trotsky aos operários eram agrupadas em itens e se desdobravam de forma a permitir o detalhamento, por exemplo: Lêem os operários obras literárias? Quais são os autores mais populares? Existem suficientes obras literárias disponíveis aos operários? Que gêneros de livros e de brochuras são mais particularmente procurados? Desta forma seguiam-se detalhadamente as perguntas formuladas aos operários.